

RISCOS NO DISCO O HORÓSCOPO SEGUNDO LEDUSHA

Valdir Prigol

*Palavras píftias palavras pétalas palavras plúmbeas vãs putrefatas
penosas pélvicas sãs matriarcas palavras íntimas – as tais insensatas –
palavras rápidas palavras pérfidas pecaminosas donas do equívoco palavras
néscias sonsas ingratas palavras rudes infectas lúgubres fôrmas ilícitas do
próprio fardo tímidas pândegas líquidas gastas miraculosas palavras
intactos palavras crescem onde não cabem mal ditas desditas palavras
matam por nada. Aspiram parir sem dores o indizível o inconsútil o inefável
sedentas palavras buscam danadas sereno enigma, o antiestigma: morrer
caladas. 1*

O esgotamento permeia todo o poema, construído como uma máquina que reverbera incessantemente qualidades da palavra e que, como em uma natureza-morta, toda a tensão é condensada em um “morrer caladas”. A leitura da “luta vã com as palavras” (como em Drummond) e seu fracasso, proposta neste poema, além de ser um suplemento drummondiano, é um suplemento que se acrescenta (mas não substitui) à coluna dominical do horóscopo do caderno de cultura *Mais!*, da *Folha de S. Paulo*, ao lado do qual está publicado. Está dado aqui o “sereno enigma” que se estabelece entre estas formas de ler o mundo a partir do horóscopo e dos poemas de Ledusha: poesia, mito e cultura de massa, envolvidas ou construídas a partir da complementariedade a outras leituras e colocadas dentro de um sistema de equivalências que faz pensar.

Esta estratégia do *Mais!* — colocar, a partir de fevereiro de 1998, a coluna de poesia “Risco no Disco” ao lado do horóscopo, de forma semelhante às colunas de Fernando Bonassi, João Gilberto Noll e Voltaire de Souza na *Ilustrada*, que com suas assinaturas suplementam o espaço criado para o “Maktub” de Paulo Coelho —, faz parte de uma lógica pós-histórica de defesa da literatura a partir do seu esvaziamento, recapitalizando o cânone a partir de seu suplemento. Nesse sentido, tanto o horóscopo quanto a coluna de Ledusha operam com a idéia de complementariedade e é de se perguntar como essa prática de leitura é uma marca da década de 90, reverberando em outros lugares da produção cultural. Agora, como é a operação de leitura efetuada pelo horóscopo e pelos poemas de Ledusha? E que suplementos estes criam ao horóscopo?

1 SPINARDI, Ledusha. “Sereno enigma”. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1999. *Mais!*, p.10.

Se em Adorno a reflexão sobre o fracasso do horóscopo e da poesia aparecem em vários lugares da sua obra, em Barthes ela aparece de forma seminal no pequeno texto “Astrologia”, presente em “Mitologias”, de 1957, onde se lê:

Nesta perspectiva, situa-se entre todos os empreendimentos de semi-
alienação (ou de semilibertação) que se encarregam de objetivar o real, sem
no entanto chegar a desmistificá-lo. Pelo menos uma outra destas tentativas
nominalistas é bem conhecida: a Literatura, que nas suas formas degradadas,
não pode nunca ir além da nomeação do vivido; astrologia e Literatura
compartilham a mesma tarefa de instituição ‘retardada’ do real: a astrologia é
a Literatura do mundo pequeno-burguês. 2

Estas formas nominalistas de “retardar o real” são tratadas por Barthes por analogia, mas pensando-as cada uma em um lugar. Nesse sentido, a publicação do horóscopo e dos poemas de Ledusha, lado a lado, a partir de 1998, parece, além de ser um suplemento ao texto barthesiano 40 anos depois (uma efeméride a ser comemorada, suplementada, portanto), uma ação prática de atender um leitor. Será aqui ainda o leitor pequeno-burguês? Será que elas ainda oferecem formas de leituras que procuram “objetivar o real, sem no entanto chegar a desmistificá-lo?”.

Estas questões podem ser abordadas a partir de reflexões de Renato Janine Ribeiro e Silviano Santiago sobre as leituras e os leitores, que pressupõem o horóscopo e o poema. Para Janine Ribeiro, o horóscopo é um método de leitura que, a partir da data de nascimento, oferece ao leitor “um amplo estoque de descrições — um vocabulário do humano” 3. E o mais importante diz o autor: essas descrições tratam o leitor como “destinatário” de seu destino, em que, este parece ser (...) o único discurso que uma pessoa culta — e mesmo laicizada — de nosso tempo possa aceitar como uma mídia personalizada para ela” 4. Assim, se pegarmos a descrição de um signo publicado ao lado do “Serenio enigma”, poderíamos perceber como o leitor está incluído:

Você tem vontade de relacionamento. Do outro lado há aceitação e boa
capacidade de entendimento. Nada será obstáculo suficiente para barrar a
aproximação das almas. Quanto mais forte o obstáculo, mais intenso será o
desejo. 5

2 BARTHES, Roland. *Mitologias*. 5 ed. São Paulo: Difel, 1982, p.109.

3 JANINE RIBEIRO, Renato. “Estatísticas da via Ápia”. *Folha de S. Paulo*, 10 nov. 2001. *Jornal de Resenhas*, p.5.

4 Idem.

5 QUIROGA, Horácio. “Astrologia”. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1999. *Mais!*, p.10.

O leitor e seu futuro. Pouco pode fazer porque nada atrapalhará a “aproximação das almas”. Ou como diz Leminski “Não discuto com o destino, o que pintar eu assino”. Não há discussão possível com essa mídia “personalizada” e autoritária, constituída ainda como uma forma de mistificar as “paisagens” do amanhã. E se não houver amanhã? Aqui, o leitor do horóscopo parece ser tratado como “singular” mas ao mesmo tempo “anônimo”. Por coincidência (?), é assim que Santiago pensa o leitor de um poema. Como ele diz: “(...) A linguagem poética existe em estado de contínua travessia para o outro. Ela nomeia o leitor” 6. Interessante observar nesse sentido como o leitor de Ledusha vai sendo nomeado como um leitor habitual de literatura (como leitor *habitué* do horóscopo?), em suplementos a obras de outros poetas, como no primeiro “Risco no disco” de 1981:

new-maiacovski
prefiro toddy ao tédio. 7

Ou no segundo “Risco no disco”, publicado no *Mais!*:

À luz de Bandeira

Que me importa
o beco,
a ausência de paisagem,
o fim da linha e a
ausência
de horizonte?
O que eu vejo é a
glória. 8

Parece que há uma constante de um período ao outro que é o de positivar o rebaixamento pelo álcool em Maiakovski e da solidão do beco em Bandeira. E é essa positividade que parece marcar o suplemento de “Risco no disco” de 1998 em relação ao de 1981: neste, há um lirismo afiado em que elementos da cultura de massa, do cotidiano e da alta cultura, estão juntos e de certa forma produzem uma crítica da banalidade dos objetos no mundo. O “Risco no disco” de 1998 está limpo destes elementos híbridos, mas hibridiza-se ao estar ao lado de uma mídia “personalizada” de

6 SANTIAGO, Silvano. “Singular e anônimo”. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.53.

7 LEDUSHA. *Finesse e finura*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.88.

8 SPINARDI, Ledusha. “À luz de Bandeira”. *Folha de S. Paulo*, 21 nov. 1999. *Mais!*, p.12.

massa. O fato de estar como suplemento desta mídia parece provocar, na obra de Ledusha, uma preocupação em acionar com força um procedimento de construção poética que diferencie seus poemas do modo de leitura e construção do horóscopo, mas acaba enredada na mesma forma que ele, pela descrição:

Arquivo da primavera

Vaias arando as veias, aves,
Suspiros serenos, canteiros
de sonho, saudades do mar.
Versos que reforçam vigas,
Vozes que varam guetos,
Água com alma de vinho,
Perfume de pólen no ar. Ge-
midos, lentes estrábicas, ce-
nas que vertem sombras, de-
sejo solar. Ternura, amizade,
trabalho, pronúncia pecu-
liar. Buzinas intoleráveis, ce-
lulares intoleráveis, vorazes
olhos de vidro, carrapatos de
uniforme, plantonistas de
ambição. Mimos em câmara
lenta, farpas contaminadas,
luta, consagração. 9

Como no horóscopo diante do destino, há aqui, diante das cenas descritas, a presença de uma imobilidade. O leitor não tem saída a não ser esperar. Neste sentido, ambos se utilizam de mecanismos que procuram produzir uma ação no leitor. No horóscopo isso fica evidente nos pequenos conselhos para ajudar o destino — “Melhor permanecer além da moralidade e agir intuitivamente” 10 — e nos poemas de Ledusha, o uso à exaustão de uma máquina aliteratória, em que as mesmas palavras ou semelhantes — “Vaias arando as veias, aves,/ Suspiros serenos, canteiros/ de sonho, saudades do mar” — e o uso do substantivo rimando com o adjetivo — “Suspiros serenos” — se chocam, se tocam, procurar desfazer a imobilidade. Esse é o “sereno enigma” — “Palavras pífiyas palavras pé-/ talas palavras plúmbeas vãs/ putrefatas penosas pélvicas/ sãs matriarcas palavras íntimas”. O fracasso, o esgotamento das palavras em resignificar o poema e de alguma forma o próprio horóscopo.

9 SPINARDI, Ledusha. “Arquivo da primavera”. *Folha de S. Paulo*, 14 nov. 1999. *Mais!*, p.10.

10 QUIROGA, Horácio. “Astrologia”. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1999. *Mais!*, p.10.

A Coluna de Ledusha, que durou do início de 1998 até o final de 1999, momento em que tanto o horóscopo quanto a coluna de Ledusha saíram do *Mais! 11*, é ocupada quase na sua totalidade por poemas em prosa, subgênero pouco desenvolvido por ela em seus livros e, falando especificamente de “Risco no disco”, ela o exercita em apenas um. E já naquele momento o par imobilidade/ação estava presente, mas com uma diferença: a cisão operada nas palavras obrigava o leitor a agir, construindo um sentido para a sua leitura:

eletricidade

como numa amorosa cantiga hoje com aquele espanto da
primeira dor acordei chorando rodando o apartamento
uma entrevista de godard na mão três fantasias na ca
beça o teto tão baixo fui até o centro lírico ulisse
s devorador de milk shakes em passes rápidos dizia p
ro espelho das vitrines alô marina vladys imitando aq
uele jeito do cabelo alto-falantes das lojas me arre
piam se alguém tocar seu corpo como eu não diga nada
por pouco não me sinto enamorada aí soprando um café
de máquina com a voz do rei na barriga caetano co
ração um espelho caixa de contatos mistérios no el
evador assobio uma canção me consola enquanto mamãe
faz tricô penélope distraída preciso sair de casa da
r um rolê nessa incompetência botar aspas nesse pri
ncípio do prazer que sem espaço impossível ser poeta
quando muito ressentido pois o mais não são nuvens e
sim pensamentos encobertos por detalhes encaixados. 12

Aqui se dá o risco no silêncio, fazendo-o significar. Na hibridez do horóscopo com o poema de Ledusha, há um signo dos novos tempos, em que, como quer Huysen, há a diluição, o deslizamento da fronteira que separa a cultura de massa da alta cultura. Para o leitor, diante das “palavras gastas” que morrem “caladas”, parece que resta a alternativa de realizar uma “Copromancia” 13.

11 Engraçado que Ledusha, que assumiu por encomenda uma coluna por tanto tempo, nunca participou das encomendas que o *Mais!* fez a poetas e nem foi incluída nas várias séries de poesia brasileira publicadas posteriormente.

12 LEDUSHA. *Finesse e finura*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.75.

13 FONSECA, Rubem. “Copromancia”. In: *Secreções, excreções e desatinos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.